

Maria-Benedita Basto

SUB Hamburg



A/485586

A GUERRA DAS ESCRITAS

**Literatura, nação e teoria pós-colonial em
Moçambique**



ÍNDICE

INTRODUÇÃO/A GUERRA DAS ESCRITAS	13
-----------------------------------------	----

PARTE 1: ENTRE O PAÍS REAL E O PAÍS IDEAL O CORPO DA LITERATURA FLUTUA

Capítulo 1: Moçambique 1980/81: o caso do concurso literário	
Introdução	23
1. O júri explica-se: a literatura faz-se com palavras (1980: as antologias <i>Poesia de Combate 3</i> e <i>A Palavra é Lume</i> <i>Aceso</i>)	24
2. O concorrente galardoado responde que todos podem escrever (os textos da <i>Ofensiva Cultural das Classes</i> <i>Trabalhadoras</i>)	31
3. O poeta esclarece que a literatura não vive como um canguru	43
Epílogo: a guerra das escritas	52

PARTE 2: A CONSTRUÇÃO DO MODELO

Capítulo 1: Nação política e nação literária durante a luta de libertação nacional: canonicidade e cidadania	
Introdução	63
1. O modelo literário em <i>Mozambique Revolution</i> (1969)	68
2. A periodização literária como estratégia de canonização	70
2.1. Dos fins do século XIX até à Segunda Guerra mundial: O silêncio da colónia	74
2.2. Da Segunda Guerra Mundial até 1962: as regras de Inclusão e exclusão da nação (política e) literária	80
2.3. De 1962 até ao tempo presente (1968/69): o modelo E as suas contradições:	87
Lautréamont vai à guerra: práticas do <i>détournement</i>	93
Elogio de uma voz pan-africana: o caso Moguimo	104
A poesia num comunicado político: do realismo socialista	112
3. Poesia e revolução	115
4. As condições da cidadania : o prefácio a <i>Poesia de Combate</i> (1971)	118

5. Narrar a nação: comparação entre as duas edições Moçambicanas do primeiro volume de <i>Poesia de Combate</i>	122
6. O 1º Seminário Cultural (Dezembro 1971/Janeiro1972): resoluções sobre literatura	125

PARTE 3: AS MÁQUINAS DE GUERRA

Capítulo 1: (Re)escritas, resistência e teoria pós-colonial

Introdução	149
1. A imprensa local durante a luta de libertação nacional	
1.1. A escrita no museu ou a memória do futuro	152
2. Para uma história da imprensa local da luta de libertação nacional	152
3. Dinâmicas da <i>escrita</i> nos bancos da <i>nação pedagógica</i>	
3.1. “os turras fazem a guerra com papelada, meu furriel?”	159
3.2. Apropriações da “tradição escrita”	162
3.3. Estilo discursivo e modelo de informação	169
3.4. O dicionário (<i>de ideias feitas</i>) da FRELIMO	176
4. Numa mão a caneta, na outra o canhangulo: as experiências poéticas do <i>guerrilheiro</i>	185
5. Des-locações da <i>biblioteca imperial</i>	190
6. Contra-díscuro, excuro e teoria pós-colonial	212
7. Caliban e a <i>cena do livro</i>	224
8. De novo <i>Poesia de Combate</i> : uma escrita da <i>utopia</i>	227

Capítulo 2: José Craveirinha, ex-colonizar a literatura, um programa para a sociedade pós-colonial

Introdução	251
1. A literatura de “temática ultramarina” ou a obliteração da <i>língua(gem)</i>	254
2.: O programa poético de José Craveirinha: desoprimir o vocábulo numa poesia impoética	269
3. Da importância de não se chamar Caliban	283

CONCLUSÃO

Bibliografia e fontes

303